

POESIA E ECOLOGIA: UM EXERCÍCIO CRÍTICO ECOFEMINISTA SOBRE O SILENCIAMENTO DAS MULHERES

Angélica SOARES*

Resumo: Estudo crítico do silenciamento das mulheres, recriado em poemas das escritoras brasileiras Helena Parente Cunha, Adélia Prado, Marly de Oliveira e Myriam Fraga a partir da ecosofia de Félix Guattari, da visão de Cheryll Glotfelty sobre a relação entre Literatura e Ecologia e das propostas ecofeministas de Miles, Shiva e Armbruster.

Palavras-chave: Ecologia; Ecofeminismo; Gênero; Poesia brasileira; Patriarcalismo.

Résumé : A partir de la pensée de Félix Guattari, de la vision de Cheryll Glotfelty sur les rapports entre littérature et écologie et des propositions féministes de Miles, Shiva e Armbruster, étude critique du processus de neutralisation des femmes mis en mots par les poètes brésiliennes Helena Parente Cunha, Adélia Prado, Marly de Oliveira e Myriam Fraga.

Mots-clés : Ecologie ; Ecoféminisme ; Genre ; Poésie brésilienne ; Patriarcat.

Sabedores de que o Pensamento e a Literatura sempre estiveram voltados para o habitar humano em seu sentido mais profundo, nestes tempos de crise ambiental consideramos tornar-se imprescindível repensar a ecologia para além da mídia, através de uma radicalização conceitual, que livre os estudos ecológicos da setorização e da perspectiva tecnocrática. Isto porque estas têm sido, muitas vezes, responsáveis por uma redução desses estudos aos danos industriais, sem sensibilidade para a compreensão da Natureza em seu manifestar-se globalizante.

Sendo assim, ao focalizar, neste exercício ecocrítico, o silenciamento das mulheres tematizado na poesia brasileira de autoria feminina contemporânea, proponho trazer para os estudos literários a consciência ecológica global, com ênfase na ecologia social e mental, associada a uma visão desconstrutora da concepção de gênero essencialista e universalista. Ressalte-se, de imediato, ser esta concepção, em grande parte, responsável pela cristalização de processos opressivos nas sociedades patriarcais.

* Professora de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Letras da UFRJ. Autora, entre outros livros, de *O Poema, construção às avessas (uma leitura de João Cabral de Melo Neto)*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978; *A Paixão Emancipatória, vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira*, Rio de Janeiro, Difel, 1999; *Gêneros Literários*, 6ª ed., 8ª impressão, São Paulo: Ática, 2005; em co-autoria publicou recentemente *Corpo e paisagem românticos*, Lisboa, Colibri, 2004.

Já em 1989, Félix Guattari advertia para o fato de que a ecologia não podia voltar-se apenas e isoladamente para os problemas decorrentes de tratamento hierárquico e dualista entre ser humano e meio ambiente; antes devia reconhecer que o equilíbrio global somente se alcançará pelo inter-relacionamento das três ecologias: a do meio ambiente, a do social e a mental ou da subjetividade humana. Lembra-nos que:

Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana. Tudo é feito no sentido de esmagar sob uma capa de silêncio as lutas de emancipação das mulheres e dos novos proletários que constituem os desempregados, os “marginalizados”, os imigrantes. (GUATTARI, 1989, p.35)

Propõe-nos Guattari, com sua ecosofia, que se construam “Territórios Existenciais” (1989, p. 38-9) concernentes a modos de ser e ao corpo, como ponto de partida para vivências verdadeiramente ecológicas. Os “Territórios Existenciais” seriam espaços de ressingularização da experiência humana e, conseqüentemente, do surgimento de novas modalidades de valorização, que envolvem a subjetividade e a socialidade.

O pensamento guattariano, ampliando a percepção do ecológico, parece-me indicar um caminho de superação das dicotomias, no que bem dialoga com o ecofeminismo mais avançado. O posicionamento de Maria Miles e Vandana Shiva (de 1993), me parece avançar na perspectiva ecofeminista; em muitos casos, limitada ainda pelas oposições entre natureza (pela qual vem-se identificando a mulher) e cultura (ligada ao homem), relacionadas às de mente X alma, intelecto X emoção, racionalidade X espiritualidade – dualismos culturalmente codificados:

Uma perspectiva ecofeminista apresenta a necessidade de uma nova cosmologia que reconhece que a vida na natureza (incluindo os seres humanos) mantém-se por meio da cooperação, cuidado e amor mútuos. Somente deste modo estaremos habilitados a respeitar e a preservar a diversidade de todas as formas de vida, bem como das suas expressões culturais, como fontes verdadeiras do nosso bem estar e felicidade. Para alcançar este fim, as ecofeministas utilizam metáforas como “re-tecer o mundo”, “curar as feridas”, religar e interligar a “teia”. (MILES & SHIVA, 1993, p. 15)

Muitas vezes, o discurso ecofeminista, ao referir-se, por exemplo, a humanos e natureza, corre o risco de cair na armadilha do dualismo. Desejando dela sair, nela se mantém, ao confundir natureza e meio ambiente. Precisamos ter em mente que humanos e não humanos são Natureza, que o ser humano não é apenas uma parcela imprescindível do elo ecológico do nosso planeta, mas parte integradora; que tudo está integrado em tudo. E que, decorrente dessa integração, qualquer atitude destrutiva, violenta, reverterá contra o próprio opressor. Assim sendo, numa postura ecocrítica, ao invés de desejarmos observar como interagimos com a natureza, cabe focalizar como interagimos na Natureza.

Um avanço considerável no pensamento pós-estruturalista, em especial na teoria crítica feminista, é o desafio das ideologias dominantes de dualismo e hierarquia dentro da cultura ocidental. Karla Armbruster, uma das representantes do “ecofeminismo” (ARMBRUSTER, 1998, p. 97-122) recorre a Val Plum-Wood para esclarecer o sentido do dualismo:

Dualismo é o processo pelo qual conceitos contrastantes (por exemplo, identidades de gênero masculinas e femininas) se formam pela dominação e subordinação e se constroem como oposicionais e exclusivas (...) No dualismo, os lados mais altamente valorizados (masculinos, humanos) são definidos como alienados e de uma natureza diferente ou ordem do ser do lado mais “baixo”, inferiorizado (mulheres, natureza) e cada um é tratado como faltando em qualidades que tornam possível superpor associação ou continuidade. A natureza de cada um é construída de maneiras polarizadas através da exclusão de qualidades compartilhadas com o outro; o lado dominante é visto como fundamental, o subordinado é definido em relação a ele. O efeito do dualismo é, nas palavras de Rosemary Radford Ruether, “naturalizar a dominação”. (ARMBRUSTER, 1988, p. 117)

Desse princípio dualista resultam nivelamentos hierárquicos de opressão, baseados na importância ou na causalidade.

Izabel Brandão lembra que: “O termo ecocrítica data de 1978 cunhado por William Rueckert em um texto reeditado em 1996 (...) define ecocrítica como ‘a aplicação de ecologia e conceitos ecológicos ao estudo da literatura’” (BRANDÃO, 2003, p. 461-62). Proponho aqui, com base na ecosofia guattariana, que não necessitamos fixar-nos no registro ambiental, para nos posicionarmos ecologicamente. Todo tipo de opressão impõe-se como uma questão ecológica. Convém ainda anotar com Cheryl Glotfelty:

Se concordamos com a primeira lei de ecologia de Barry Commoner, “Todas as coisas são interligadas umas com as outras”, podemos concluir que a literatura não flutua acima do mundo material em algum éter estético, ao invés disso, tem um papel num sistema global imensamente complexo, no qual energia, matéria, e idéias interagem. (GLOTFELTY, 2003, p. XIX)

Como nos poemas selecionados, a poesia escrita por mulheres no Brasil me tem remetido, metonimicamente, para imagens de violência, que permitem um enfoque ecológico que engaje o crítico e o leitor num exercício de expansão do sentido denunciatório da literatura – tarefa que vem ao encontro do chamamento ecológico de Guattari:

Invocando paradigmas éticos, gostaria principalmente de sublinhar a responsabilidade e o necessário “engajamento” não somente dos operadores “psi”, mas de todos aqueles que estão em posição de intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas (através da educação, saúde, cultura, esporte, arte, mídia, moda etc). (GUATTARI, 1989, p. 29)

Por outro lado, como propôs Rueckert, com sua ecocrítica, lembra-nos Cherryll Glotfelty:

Descrevendo um poema como energia armazenada, Rueckert explica que ler é uma transferência de energia e que críticos/as e professores/as agem como mediadores entre a poesia e a biosfera, liberando a energia e a informação armazenada na poesia de modo que ela possa fluir através da comunidade humana e ser traduzida em ação social. (GLOTFELT, 1996, p. XXVIII)

A poetisa baiana Helena Parente Cunha, em agenciamento de enunciação altamente sofisticado, aposta na escritura verbi-voco-visual e na auto-reflexividade do sujeito, como modos de denúncia do silenciamento e da coisificação da mulher. A marca do feminino se explicita, em *Corpo no cerco*, ao reconhecer-se o eu como “irrevelada”, que se acrescenta ao título do poema “Secreta” (CUNHA, 1978, p. 28). O irrevelar-se compõe a metáfora do “cerco” através da limitação do espaço feminino (assentada na oposição masculinista entre o público e o privado), por um “muro ininterrupto” (CUNHA, 1978, p. 104).

	MUDO	
	MURO	
		EMUDEÇO
MURO		ENDUREÇO
		EUMUREÇO
	MURO	
	DURO	

(CUNHA, 1978, p. 24-5)

No concretismo desse poema, tudo se concentra em torno da imagem do “cerco”. Nada é supérfluo, nem mesmo a disposição das palavras no papel (os três verbos à direita aparecem, originalmente, na página seguinte do livro, que se abre em par, completando o cerco), pelo qual, opticamente, se desenha o fechamento do mundo no “MURO”. Assim, a imagem se amplia espacialmente pela exploração estrutural do branco no papel e, semanticamente pela simples oposição fonêmica. O poema começa, então, a mobilizar todo um parentesco fono-morfo-semântico-imagístico, que se irá concluir nas formações parassintéticas – lugar de explosão da força de desocultamento que possui a palavra poética. O “MURO”, limitador de qualquer “HORIZONTE” (CUNHA, 1978, p.22-3) conduz à negação do dizer (“EMUDEÇO”), do saber e do fazer (“ENDUREÇO”) e do poder (“EUMUREÇO”). A gradação que vai do emudecer para o

emurecer ressalta a degradação do sujeito. E note-se que, no ato de petrificar-se, de se tornar muro, desaparece a distinção entre sujeito e objeto – operação reificadora que a invenção literária (“EUMUREÇO”) incumbe-se, no nível da língua, de recriar num eco abafado, textualmente marcado pelo suporte polifônico da vogal fechada “U”. Por outro lado, o poema se faz assintático para manifestar o sujeito também assintático, privado do relacionar-se, confinado na solidão.

No experimentalismo do discurso heleniano, o silenciamento anti-ecológico da mulher, que se recria através do eu-lírico, no poema intitulado “HORIZONTE”, imprime-se como “ex-palavras / desexistem” (CUNHA, 1978, p. 22) – indícios de um processo de extinção e negatividade, componentes da violência cultural pela qual se inferiorizam as mulheres. Mais adiante, completa-se, no poema, a figuração do emparedamento: “o mundo começa / na minha janela / E ACABA NO MURO” (CUNHA, 1978, p. 22-3).

Em “RUMO SEM RUMO”, ao contrário do silêncio construtivo, gerador de significados e de sentido para a existência, o silêncio decorrente da falta de rumo (do “para-onde” ao “nunca-onde”) liga-se ao enclausuramento do sem sentido, “sem perguntas”, sem ponto de chegada:

	em rumo de para-onde resvalam extraviados caminhos de geografia sem memória mapas rasgados
RUMO SEM RUMO	gestos crispados de espantos sem perguntas sustam percurso
	ermas palavras hermetizadas arrastam silêncio
	passos sonambulam tropeçados seguem vacilando ao rumo de nunca-onde

(CUNHA, 1978, p. 34-5)

O poema metaforiza, assim, o último degrau da violência anti-ecológica - o do extravio do indivíduo pela perda da memória, e com ela, pela perda de identidade, pela impossibilidade do autoconhecimento. Não situado espacio-temporalmente, restam ao sujeito os “gestos crispados de espanto”. É um percurso sem *inter-cursos*, sem o diálogo fortalecedor da intersubjetividade, promotor do trânsito da alteridade, que se realizaria numa via de mão dupla do “eu” para o “outro” e do “outro” para o “eu”, donde surgiriam as especificidades.

Do livro intitulado *Bagagem*, de Adélia Prado, tomemos como referência poética ao anti-ecológico silenciamento das mulheres, o poema “Enredo para um tema” onde, pelo refazer irônico do autoritarismo da supremacia masculina desvendam-se exigências coercitivas hierarquizantes imputadas, desde sempre, à mulher, em nossa sociedade androcêntrica:

Ele me amava, mas não tinha dote,
só os cabelos pretíssimos e um beleza
de príncipe de estórias encantadas.
Não tem importância, falou a meu pai,
se é só por isto, espere.
Foi-se com uma bandeira
e ajuntou ouro pra me comprar três vezes.
Na volta me achou casada com D. Cristóvão.
Estimo que sejam felizes, disse.
O melhor do amor é sua memória, disse meu pai.
Demoraste tanto, que...disse D. Cristóvão.
Só eu não disse nada,
nem antes, nem depois.
(PRADO, 1986, p. 97)

Aí, o emprego do discurso direto, que reconstrói na íntegra, a fala do pai, do apaixonado candidato a marido da filha e de D. Cristóvão parece garantir o caráter memorialístico do poema, na medida em que atenua a subjetividade lírica dos versos.

O impacto entre a fantasia da filha e a ironia do pai e de D. Cristóvão (representantes máximos, nesse texto, do poder patriarcal) concorre para intensificar o sentido do silêncio feminino diante da lei. O calar-se, como parte da submissão, que se liga às idéias de fragilidade, passividade e dependência da mulher, espelha, nos versos, a oposição binária entre o feminino e o masculino construída, segundo Teresa de Lauretis, (1994, p. 206-242) por diferentes tecnologias sociais, que se empenham em fazer com que pareçam naturais, isto é, biologicamente determinadas, as diferenças entre feminilidade e masculinidade. Por essa concepção essencialista e universalizante (noção de uma essência feminina e uma essência masculina imutáveis e irreduzíveis) que sustenta o sistema de sexo-gênero, relaciona-se o sexo a conteúdos culturais, de acordo com valores e hierarquias sociais que vêm, historicamente, mantendo as mulheres em posição subalterna e validando a sua opressão.

“Enredo para um tema” testemunha, literariamente, essa opressão. Ao invés do lamento nostálgico, que conduziria ao sentimentalismo, a autora opta pela encenação de situações rememoradas. Isto garante, em nossa perspectiva, maior eficácia de denúncia ideológica, por exigir do leitor uma atitude crítico-reflexiva, diante da trama de compra e venda de uma noiva (a mulher, uma simples mercadoria).

Essa situação objetual da mulher, decorre, entre outros fatores, da “exacerbação (...) da disparidade psicológica e social entre o masculino e o feminino, que coloca o homem

num sistema de valor e competição e a mulher numa posição de passividade...” (GUATTARI, 1994, p.22)

Já em “Círculo”, pela montagem espacial da memória, Adélia Prado reconstrói a imagem do fechamento social, da permanência de valores que sustentam a ideologia; assim como devem permanecer os cristais na cristaleira, sempre adequadamente arrumados:

Na sala de janta da pensão
 Tinha um jogo de taças roxo-claro,
 duas licoreiras grandes e elas em volta,
 como duas galinhas com os pintinhos.
 Tinha poeira, fumaça e a cor lilás.
 Comíamos com fome, era 12 de outubro
 E a Rádio Aparecida conclamava os fiéis
 a louvar a Mãe de Deus, o que eu fazia
 Na cidade de Perdões, que não era bonita.
 Plausível tudo.
 As horas cabendo o dia,
 A cristaleira os cristais
 (resíduo pra esta memória)
 sem uma palavra demais.
 Foi quando disse e entendi:
 Cabe no tacho a colher.
 Se um dia puder,
 Nem escrevo um livro.
 (PRADO, 1986, p. 24)

De início, é importante lembrar que, pela memória individual, resgatam-se estratégias do sistema social, na reconstrução de um passado que retém a memória coletiva. Assim, o sentido da adequação dirige a seletividade de fatos passados, que vão deixando, nas entrelinhas do poema, sinalizações da comodidade mantenedora do sistema de organização repressiva da sociedade, onde não se permite `a mulher nenhuma “palavra demais”. O choque com o recalcado (o desejo de liberdade e transformação) abre a possibilidade de romper-se o “Círculo” no ato de entender-se o significado oculto do que se diz (“Cabe no tacho a colher”). E já convém apontar para a ligação produtiva entre a metalinguagem (explicitada no 14º verso) e a memória, na medida em que se ultrapassa a auto-referencialidade poética para fazer-se a crítica da estagnação dos espaços físico e social: estagnação promotora da impotência.

Assim, chama-se a atenção para a força ideológica dessas representações cristalizadoras de ausência de controvérsia que integram também as imagens da adequação (“As horas cabendo o dia, / a cristaleira os cristais”), a apontarem, sugestivamente para o ideal pequeno-burguês de continuidade (atente-se para o emprego verbal do pretérito imperfeito) e tranqüilidade, que garantem a manutenção da família patriarcal, pela qual a mulher, como “rainha do lar”, deve confinar-se à esfera privada (como “as galinhas com os pintinhos”), destinada à geração, à proteção e a criação dos filhos. A poetisa

mineira recorre ainda a referências aos rituais religiosos (praticados em uma cidade que, não gratuitamente, se denomina “Perdões”), também mantenedores da plausibilidade de tudo. E não esqueçamos que são, justamente, os rituais materiais, que regulam as práticas materiais alicerçantes da ideologia. (ALTHUSSER, s.d , p. 87-91).

Marca do discurso adelião, a reapropriação literária do cotidiano e da fala popular comparece também em “Círculo” e alcança um posicionamento estratégico, quando se passa da descrição para o questionamento do *status quo*, através da introdução do provérbio (16º verso) que sintetiza todas as lembranças cristalizadas em “poeira”, “fumaça” e “cor lilás”.

Também bastante significativos, na recriação do silenciamento das mulheres, são os dois primeiros segmentos de *O banquete* (1988), nos quais Marly de Oliveira autobiografa, poeticamente, um sistema educacional punitivo, baseado no impedimento da fala e na repressão da liberdade do diálogo:

I

- 1- Foi desde sempre, do início
esse registro de ventos,
cruéis e frios, que vedam
todo alvoroço e alegria,
se algo novo se concerta.
não foi minha ama uma fera,
pois sei que de humano tinha
uma beleza concreta:
uns olhos que de tão verdes
luziam na luz aberta
que entrava pelas janelas
portas, varandas, jardins,
da minha casa deserta.

- 2- De minha infância deserta,
onde não cabia o sonho
e a hera crescia muda;
onde não havia trégua
entre o meu medo e o desânimo
(Nenhuma pergunta ousada!)
No entanto, que infiltração
de suspeitas infundadas
criando mel com as abelhas
de que mal se imaginava.
Pois desde cedo assentado
ficara que, filho e gado,
pastariam onde apenas
lhe fosse imposto ou deixado.
(OLIVEIRA, 1989, p. 437)

Aí, traumas e proibições poematizados testemunham um processo de educação, que é exatamente o contrário do sentido originário do *ex-ducere*, do conduzir para adiante, do fazer emergir as potencialidades físicas, morais e intelectuais da criança, na direção de uma constante pulsão de vida, sob os desígnios de Eros.

A infância rememorada alarga, no presente, o sentido da opressão e da desertificação, que presidiam (presidem ainda) uma lógica de censura patriarcal, que “veda” o sonho e o prazer, pondo, em seu lugar, “o medo e o desânimo” sem “trégua”. As relações de poder presidem o processo de adestramento que, nessa lógica, se confunde com ensinar e aprender. Reduplicam-se, a cada geração, no âmbito da família e da escola, estratégias de desumanização do infante, numa relação mútua entre técnicas de saber e de poder.

Nas inscrições metafóricas, o livre exercício da criatividade, próprio da vida da criança, se vê impedido pela ação de “ventos cruéis e frios”, dirigidos pela atuação da “ama”, alicerçada na aproximação, ideologicamente predominante, entre “filho e gado”.

Embora essas memórias nos tragam uma perspectiva individualizadora (“minha infância”), elas nos apontam metonimicamente, para modos de manutenção da ordem, e, com ela, do poder, assegurados por métodos apropriados de sanções, de exclusões, de seleção..., que asseguram a sua permanência, pelo impedimento de contestação de suas verdades; o que, no texto, se indica parenteticamente: “(Nenhuma pergunta ousada!)”.

Essa atuação dita educacional, mas coercitiva e amedrontadora, como sabemos através de documentos históricos recentes, atua mais fortemente quando voltada para a menina, por visar à garantia da passividade, da submissão e da fragilidade, que lhe são incutidas, como qualidades próprias da sua natureza feminina, ao biologizar-se, androcentricamente, o gênero (MOI, 1989, p. 117-32).

Na produção lírica de Myriam Fraga, do longo poema que dá título ao livro *Risco na pele*, selecionei dois segmentos dos quais emerge a existência de um mundo de fúria subterrânea, calada, na interioridade da mulher. O seu enclausuramento e a sua fala a menos são denunciados, poeticamente, como a estimular, no leitor, o exercício de práticas libertadoras. Desse modo, o apelo literário, implícito nas entrelinhas do poema, participa do esforço ecológico de conscientização da necessidade de desopressão subjetiva da mulher, em prol da desierarquização social e do enfrentamento da ideologia dualista, que naturaliza a dominação. Vejamos o primeiro segmento do poema:

Guardo de mim
 Ferozmente o silêncio
 E o apascenter de cóleras
 Subterrâneas

É da fêmea
 O abismo
 E as obscuras forças da terra.

É da mulher
A longa
Gestação dos metais

O parentesco da argila,
O lento cozinhar
De tijolos ao sol.

Este fuso, esta linha
Enrolada no tempo,
É da mulher o cerne
Do que importa,

A lâmina nos pulsos
E o sinal da derrota.
(FRAGA, 1979, p. 103)

A voz silenciada, que mantém a cólera contida, na imagística fraguiana remete para a condição abismática do isolamento e do mergulho nas camadas mais obscuras do ser. Daí, a derradeira experiência de limites metaforizada na “lâmina nos pulsos”. Há uma força oculta no centro mais profundo (“... cerne / Do que importa”) que vem da femealidade da mulher e se projeta na simbologia sexual dos “metais” (CHEVALIER & GUEERBRANT, 1990, p. 608). Uma vez bloqueadas as potencialidades construtivas da mulher (“o parentesco da argila”) por tecnologias de gênero, que investem na simbiose entre femealidade e feminilidade (MOI, 1989, p. 122-4), o acúmulo de “derrota” acaba por conduzir à “lâmina nos pulsos”.

No terceiro segmento de “O risco na pele”, Myriam Fraga insiste em trazer para os versos os bloqueios e os limites impostos historicamente à mulher. O silenciamento (“Este grito plantado / No fundo do peito”) liga-se ao confinamento que a priva do trânsito do corpo e da voz, para além do “muro sem portas”:

É da fêmea
A tristeza
E a cinza na testa.

Este grito plantado
No fundo do peito
E o rastro desfeito

É o poço do espanto
E o lodo subindo
Na cal de seus medos.

É da fêmea o segredo
Das chuvas, o sêmen
E o sal das colheitas

É o prato e a fome
Os postigos, o claustro
A armadilha, o disfarce.

E os silos, as chaves,
O muro sem portas
O anzol no vazio.

E as traves, a trava.
(FRAGA, 1979, p. 105)

O poema se inicia pela constatação da tristeza da mulher que marca o seu modo de ser no mundo, associada aditivamente ao sentido da culpa que, pelo arrependimento, alcança o perdão; o que se indicia, nos versos, na simbologia da cinza na testa. Recordemos que tal simbologia faz parte do ritual cristão da purificação realizado na quarta-feira de cinzas, após a explosão da carne durante o carnaval, como ato preparatório para a quaresma.

A introjeção histórica da culpa pela mulher nos remete ao pecado original, impresso nas versões correntes do texto bíblico, alicerce da cultura ocidental:

A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente. Então os seus olhos abriram-se, e, vendo que estavam nus, tomaram folhas de figueira, ligaram-nas e fizeram cinturas para si. (BÍBLIA SAGRADA; Gênesis, 3, 6 e 7, 1982. p. 51)

Quando Deus interroga o homem, este culpa a mulher dizendo: “A mulher que pusestes ao meu lado apresentou-me deste fruto e eu comi” (BÍBLIA SAGRADA; Gênesis, 3, 6 e 12, 1982. p. 51). Embora a mulher se tenha dito ao Senhor Deus, enganada pela serpente, Ele impôs-lhe o castigo:

Multiplicarei os sofrimentos do teu parto; darás à luz com dores; teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio (BÍBLIA SAGRADA; Gênesis, 3, 16, 1982. p. 51).

O domínio masculino passa a se justificar e a ser vivenciado pela mulher cristã como castigo pelo pecado que envolve culpa e sexo. Acrescente-se a isso a garantia da supremacia do homem pelo ato de criação que, em várias versões da *Bíblia*, apresenta a mulher surgida de uma costela de Adão¹.

¹ Cf. Gilka Machado: um marco na liberação da mulher. In: SOARES, Angélica. *A paixão emancipatória; vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira*. Rio de Janeiro, DIFEL, 1999. p. 100-1.

Assim, a idéia de sofrimento intrínseco à condição feminina se cristalizou no imaginário ocidental e se inscreve do verso fraguiano como a querer lembrar esse modo de opressão incontestado na moral sexual cristã.

Visto por outro ângulo, na ótica masculinista, a femealidade riscada na pele determina uma feminilidade com papéis sexuais e sociais fixos e de difícil transposição. Esses papéis são garantidos, na dicção fraguiana, pelo “claustro”, pela “armadilha” e pelo “disfarce”, mantenedores das “traves” sócio-culturais e da “trava” do desejo e da fala. São estas referências poéticas, em uma possível leitura, metáforas do regime de força, que atua mediante “normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas” (BUTLER, 2003, p. 38) no âmbito de um “Simbólico inevitavelmente patriarcal” (BUTLER, 2003, p. 41). Daí a valorização do “segredo”, como espaço inviolável, escudo contra a opressão, construído em comunhão cósmica com as “chuvvas”, o “sêmen” e o “sal das colheitas” – com seu efeito fecundador, fertilizante, purificador, protetor (CHEVALIER & GUEERBRANT, 1990, p. 235, 236, 797). Em segredo, a mulher guarda a força da vida para a superação das frustrações (“o anzol no vazio”) e dos “medos” dos quais sobe o “lodo”, tantas vezes empoçado no fundo do ser.

Se, enquanto experiência, o “grito” se planta “no fundo do peito”, dado o arriscado da voz; enquanto grito poético, ele se arrisca para desfazer o “rastros” do “risco na pele”. Assim se denuncia a falsa fragilidade feminina: fragilidade defendida pelo sistema de sexo-gênero, apoiado em “práticas, discursos e instituições sócio-culturais dedicados à produção de homens e mulheres” (DE LAURETIS, 1994, p. 229).

Em lugar das “práticas reguladoras que governam o gênero” e que “também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade”, em nome da “coerência” e da “continuidade” da pessoa (BUTLER, 2003, p. 38) penso, com Guattari, que se deveriam engendrar “territórios existenciais, onde a singularidade e a finitude sejam levadas em conta pela lógica multivalente das ecologias mentais e pelo princípio de Eros de grupo da ecologia social” (GUATTARI, 1989, p. 70), dos quais resultariam “novas práticas de si na relação com o outro” (GUATTARI, 1989, p. 71)

Dessas práticas desopressivas, liberadoras, demolidoras de “muros”, desconstrutoras de círculos ideológicos de opressão, abolidoras da coerção como processo educacional, desnaturalizadoras e extinguidoras da dominação; enfim, destrutoras de “traves” e travas, já vem resultando, gradativamente, embora ainda de modo não satisfatório, a construção de “mapas” que traçam caminhos da desierarquização e da solidariedade e que visam a impedir a alienação, o extravio e o silenciamento das mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3. ed. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa, Presença, s.d.

- ARMBRUSTER, Karla. “Buffalo Gals, Won’t you come out tonight”: a call for boundary-crossing in ecofeminist literary criticism. In: GAARD, G. & MURPHY, P.; eds. *Ecofeminist literary criticism – Theory, interpretation, pedagogy*. Urbane / Chicago: Univ. Of Illinois Press, 1998. p. 97-122.
- BÍBLIA SAGRADA. 36. ed. Trad. Dos originais mediante a versão dos monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. São Paulo, Ave Maria Ltda. 1982.
- BRANDÃO, Izabel. Ecofeminismo e literatura: novas fronteiras críticas. In: BRANDÃO, Izabel & MUZART, Zahidé; orgs. *Refazendo nós; ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2003. p. 461-90.
- BUTLER, Judith. Sujeitos de sexo / gênero / desejo. In: _____. *Problemas de gênero; feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. p. 15-48.
- CHEVALIER, Jean & GUEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos; mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva et alii. 3.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1990.
- CUNHA, Helena Parente. *Corpo no cerco*. Rio de Janeiro; Tempo Brasileiro / Brasília; INL, 1978.
- DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. Trad. Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de; org. *Tendências e impasses; o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-42.
- FRAGA, Myriam. *O risco na pele*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
- GLOTFELTY, Cheryll. Introduction-literary studies in an age of environmental crisis. In: GLOTFELTY, Cheryll & FROMM, Harold; eds. *The ecocriticism reader – landmarks in literary ecology*. Athens / London. The Univ. of Georgia Press, 1996. p. XV-XXXVII.
- GUATTARI, Félix. *Les trois écologies*. Paris, Galilée, 1989.
- _____. Práticas ecosóficicas e restauração da cidade subjetiva. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 116: 9-25, 1994.
- MILES, Maria & SHIVA, Vandana. *Ecofeminismo*. Trad. Fernando Dias Antunes. Lisboa, Instituto Piaget, 1993.
- MOI, Toril. Feminist, female, femine. In: ---. Et alii. *The feminist reader*. London, Macmillan Press Ltda, 1989. p. 117-32.
- OLIVEIRA, Marly. *Obra poética reunida*. São Paulo, Massao-Ohno, 1989.
- PRADO, Adélia. *Bagagem*. 4.ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- SOARES, Angélica. *A paixão emancipatória; vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira*. Rio de Janeiro, DIFEL, 1999.